

Bullying na escola: como a utilização do gênero discursivo videoclipe pode prevenir a sua propagação

Bullying at school: how the use of music video discursive genre can prevent its spread

Bullying en la escuela: como el uso del género discursivo videoclip puede evitar su difusión

Recebido: 14/12/2022 | Revisado: 29/12/2022 | Aceitado: 22/06/2023 | Publicado: 27/06/2023

Cristiane Marques de Araujo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2662-3356>
Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná, Brasil
E-mail: kikacma@gmail.com

Eliza Adriana S. Nantes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3260-7264>
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
E-mail: eliza@unopar.br

Resumo

A Lei nº 13.663 de 14/05/2018 determina que a escola instigue medidas de conscientização contra o bullying, a fim de promover a cultura de paz para a formação de pessoas e, assim, desenvolver a competência socioemocional. Outro ponto é que a escola precisa discutir o tema para que o aluno perceba a si mesmo, o outro e aprender a respeitar o pluralismo étnico, cultural, social e religioso da sociedade. O objetivo da pesquisa é abordar as questões que norteiam a violência na escola, caracterizada principalmente pela prática do bullying e suas consequências negativas para os alunos. Para a realização da pesquisa adotou-se o levantamento bibliográfico junto a autores da literatura nacional que tratam do tema em questão, juntamente com material gráfico que explora a prática da temática. Os aportes teóricos foram oriundos dos conceitos de Gasparin, Kenski, Rojo, Bauman, Cerqueira Francisco, Mercado, Harari, Silva & Salles, Silva, entre outros. Os resultados a partir desta pesquisa apontaram que houve um trabalho integrado de leituras, produção textual, e letramento digital, bem como, contribuições da perspectiva sociocultural, no que tange à temática bullying.

Palavras-chave: Ensino; Língua portuguesa; Bullying.

Abstract

Law nº 13.663 of 05/14/2018 determines that the school instigates awareness measures against bullying, in order to promote a culture of peace for the formation of people and, thus, develop socio-emotional competence. Another point is that the school needs to discuss the topic so that the student can understand himself, the other and learn to respect the ethnic, cultural, social and religious pluralism of society. The objective of the research is to address the issues that guide violence at school, characterized mainly by the practice of bullying and its negative consequences for students. To carry out the research, a bibliographical survey was carried out with authors of national literature that deal with the subject in question, together with graphic material that explores the practice of the theme. The theoretical contributions came from the concepts of Gasparin, Kenski, Rojo, Bauman, Cerqueira Francisco, Mercado, Harari, Silva & Salles, Silva, among others. The results from this research indicated that there was an integrated work of readings, textual production, and digital literacy, as well as contributions from the sociocultural perspective, with regard to the theme of bullying.

Keywords: Teaching; Portuguese language; Bullying.

Resumen

Ley nº 13.663, del 14/05/2018, obliga a la escuela a impulsar medidas de sensibilización contra el bullying, con el fin de promover una cultura de paz para la formación de personas y, así, desarrollar la competencia socioemocional. Otro punto es que la escuela necesita discutir el tema para que el alumno se realice, el otro es aprender a respetar el pluralismo étnico, cultural, social y religioso de la sociedad. El objetivo de la investigación es abordar las problemáticas que orientan la violencia en la escuela, caracterizada principalmente por la práctica del bullying y sus consecuencias negativas para los estudiantes. Para llevar a cabo la investigación, se adoptó una encuesta bibliográfica con autores de la literatura nacional que tratan el tema en cuestión, junto con material gráfico que explora la práctica del tema. Las contribuciones teóricas provinieron de los conceptos de Gasparin, Kenski, Rojo, Bauman, Cerqueira Francisco, Mercado, Harari, Silva & Salles, Silva, entre otros. Los resultados de esta investigación mostraron que hubo un trabajo integrado de lecturas, producción textual y literacidad digital, así como aportes desde la perspectiva sociocultural, en relación con el tema del bullying.

Palabras clave: Enseñanza; Lengua portuguesa; Acoso.

1. Introdução

A educação é um direito de todos os seres humanos, em igualdade e dignidade, assim como afirma o artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovado pela Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 1948. Nesse sentido, a escola e suas ações de instrução têm um papel importante para atender os sujeitos, ensinando-os a compreender o seu direito escolar, o seu espaço de construção do conhecimento, a coletividade e suas medidas efetivas para evitar assédios e ameaças à paz.

Bauman (2001), quando examina a questão de tempo e espaço, permite entender como o mundo funciona, sugerindo que a segurança é uma das questões mais importante da era moderna, o que indica que há uma patologia social cujo esforço de distanciar o outro, o que a em primeira instância soa como diferente e até mesmo estranho, pode ser considerada “a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não é a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais” (Bauman, 2001, p. 138).

Nesse contexto, é possível adentrar na contextualização do cenário brasileiro, uma vez que o Brasil é um dos países mais populosos do mundo e suas metrópoles vem enfrentando inúmeras problemáticas, como as questões vinculadas a moradia, desigualdade, empregabilidade, educação, saúde, exclusão social e violência (Cerqueira Francisco, 2019).

Diante do panorama apresentado, o presente artigo se justifica a partir da consonância com a Lei nº 13.663 de 2018, que apregoa o dever das escolas de promoverem medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, além disso, trabalha com questões de cidadania, com a importância e o valor da paz, da tolerância, do respeito à vida, abordando valores como consciência e valorização dos direitos humanos. Desta maneira, compreende-se que a escola tem o papel de socialização do conhecimento com o objetivo de construir uma sociedade mais proativa, justa, com equidade e igualdade social.

A ideia de realizar este artigo emerge da própria prática, pois o trajeto deste estudo partiu da experiência enquanto professora, assim, constatando a intolerância e a violência presentes no contexto escolar, as quais, por sua vez, se concretizam, de forma geral, nas diversas produções orais e escritas dos alunos. Além disso, outro ponto que também me motivou a produzir o artigo está fundamentado na publicação de minha dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado em Metodologia para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias, intitulada “Prevenção do Bullying na Escola”.

Sendo assim, a partir da vivência e conhecimento da realidade, que não se altera de maneira significativa de uma escola pública para outra, é possível observar a importância da temática para atualizar e encorajar o corpo docente que compõem o cenário educacional atual no que diz respeito a gerar novas reflexões acerca da criação de meios e ações capazes de corroborar para a prevenção do bullying e do cyberbullying.

2. Metodologia

Para alcançar o objetivo proposto, o percurso metodológico de investigação constitui-se nas seguintes etapas: seleção e definição do problema; busca sistemática e seleção dos dados necessários (dedicada à teorização); apresentação do PTD aos alunos (desenvolvimento de teorias) e os textos-enunciados do gênero discursivo videoclipe e, por último, a finalização das produções dos vídeos, experiências, discussões, reflexões e socialização entre os participantes.

A metodologia selecionada foi a qualitativa, pois, de acordo com Kahlmeyer-Mertens et al. (2014, p. 54), permite que os participantes “se interessam pelo estudo das desigualdades e exclusões sociais”, para tanto, recorreremos à investigação científica via pesquisa-ação que “é vista também como um tipo de pesquisa participante. Ela supõe intervenção participativa na realidade social”.

Quanto aos fins, Kahlmeyer-Mertens et al. (2014, p. 53), asseveram que se trata de uma pesquisa descritiva, pois “tem por objetivo expor características de determinada população ou fenômeno”. Ademais, também é uma pesquisa analítica porque “aborda os problemas delimitados em sua alçada um a um, decompondo-os em seus elementos.

3. Resultados e Discussão

3.1 O impacto da tecnologia na educação

No âmbito educacional no século XXI, é possível observar que a escola está enfrentando revoluções educacionais, por exemplo, a informação deixou de ser escassa e, atualmente, a preocupação principal do professor é fazer com que o aluno “extraia um sentido da informação”, de forma que perceba “a diferença entre o que é importante e o que não é, e acima de tudo” o aluno deve “combinar os muitos fragmentos de informação num amplo quadro do mundo” (Harari, 2018, p. 322).

Com isso, mudanças significativas ocorreram na sociedade, alterando a forma de interagir, na comunicação, nas relações interpessoais, nos valores, ou seja, impactaram, inclusive, na nossa cultura. Simultaneamente, devido as inovações surgidas a partir da globalização, nasce o ciberespaço com comunidades virtuais, novos espaços de conhecimentos e novos modos de agir e de conhecimentos são trazidos pela cibercultura, ou melhor, pela aprendizagem coletiva em rede.

Com toda essa evolução no campo educacional, “o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto dos conhecimentos” (Lévy, 1999, p. 159), tendo como objetivo conscientizar os aprendizes do uso competente das tecnologias, de forma que o aluno seja mais autônomo nesse universo permeado por múltiplas modalidades/possibilidades de informações, investigações e aprendizagens, sabendo lidar com a pluralidade cultural.

Segundo o filósofo polonês Adam Schaff, a sociedade informática proporcionará um homem universal, no sentido de sua formação global de acordo com as novas possibilidades, ou seja, “libertar do enclausuramento numa sociedade nacional para converter-se em cidadão do mundo no melhor sentido do termo” (Schaff, 1995, p. 71). Seguindo nessa perspectiva, Valente (1996, p. 41) assevera que “o computador apresenta recursos importantes para auxiliar o processo de transformação da escola – a criação de ambientes de aprendizagem que enfatizam a construção do conhecimento e não a instrução”.

Diante disso, a escola deve ensinar esses diversos textos, bem como seus objetivos. O computador é inserido como ferramenta de construção e resolução de problemas, tornando o aluno mais ativo, capaz de construir os seus saberes e sanar as suas dúvidas a partir da mediação do professor, que por sua vez passa a assumir um papel auxiliador nessa resolução.

Mercado (2002) reafirma a necessidade de repensar os currículos educacionais, tanto na escola pública como na privada, propondo práticas pedagógicas que atendam essa nova sociedade, oportunizando “[...] o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e usos tecnológicos” (Mercado, 2002, p. 12).

Para Harari (2018) é imprescindível, único e imensurável na formação dos alunos ensiná-los a reinventar-se como cidadãos, para que aprendam a lidar com as frustrações, mudanças, com o novo, com o que não se sabe, mantendo a postura, a ética e o equilíbrio mental e emocional, entendendo o próprio sentido humano em todas as situações de sua vida.

Ao propor a ação docente na formação do cidadão, professor e aluno dependem de uma aprendizagem em Educação que seja entendida como um processo cheio de relações entre tecnologias digitais e linguagens, definições e planejamento ao qual o professor avalia e desenvolve formas de ajudar o aluno a aprender e a se identificar como parte do mundo em que vive de forma crítica, criativa, proativa e autônoma.

Assim, um dos grandes desafios de toda educação básica é a criação de ambientes interessantes, motivadores e estimulantes de novos saberes. Por este motivo, nas atividades didáticas, incluem-se as ferramentas educacionais digitais, oportunizando mais interação, comunicação, papéis ativos e colaborativos no contexto escolar.

Kenski (2015, p. 121) destaca que não são os recursos da internet, ou tecnologias digitais “que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação de forma geral, mas a maneira como essa tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação”. Nesse viés, nota-se que a tecnologia desempenha um papel significativo e contribuidor no contexto educacional.

3.2 A questão da violência do contexto escolar

O tema violência sempre foi um assunto complexo que perpassa em diversas esferas da vida cotidiana, possuindo várias ramificações. As multifacetadas e multidimensionalidades das violências transcorrem por questões históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade vigente.

Um dos fatores que pode interferir na questão da violência é a globalização. Alguns estudos e pesquisas apontam que “com a globalização, a violência instalou-se como uma constante intraespecífica da relação humana, para retomar um termo dos especialistas – ou seja, ela é uma especificidade interna à espécie humana” (Silva & Salles, 2010, p. 7).

De acordo com estudos de Pedro-Silva (2014), a violência nas escolas pode ser considerado o reflexo e a reprodução da violência da sociedade. Deste modo, a temática tem se tornado cada vez mais um objeto de preocupação das políticas públicas e dos profissionais da área escolar.

Diante disso, os professores, os organizadores de materiais didáticos, toda equipe pedagógica e o próprio aluno e sua família devem refletir sobre ações e subsídios preventivos para essa situação, levando em conta questões importantes e contingentes da escola, como por exemplo, o bullying, proporcionando assim situações que levem os educandos a se desenvolverem nos processos de construção de conhecimento, no desenvolvimento cognitivo e nos campos afetivo e moral (Pedro-Silva, 2014).

Aquino (1996, p. 77) analisou “a natureza da violência, explicitando sua dinâmica e reconhecendo os elementos ambíguos que a compõem”, e contemplou que “não significa abstrai-la de um contexto histórico e social, mas apontá-la como um fenômeno que coloca à mostra a intensidade das experiências coletivas, permitindo a manifestação das pequenas desordens da vida cotidiana”. Nesse contexto, é possível afirmar que o contexto escolar possui diversas problemáticas que precisam ser pensadas e mitigadas.

3.3 Bullying e cyberbullying

A violência nas escolas, bem como em outros contextos, é uma prática cotidiana que pode ser observada atualmente. Porém, a temática ainda sofre desafios. A escola pode dar mais ênfase ao entendimento desse tema e suas consequências e criar meios de atrair o interesse dos alunos e da comunidade escolar para mudá-los e, assim, transformando o rumo da história acerca do bullying e cyberbullying.

O bullying é a maior ameaça ao bem-estar dos estudantes, e é possível afirmar que “dentro de um conceito mais amplo, podemos afirmar que todos nós já fomos ou seremos vítimas de provocações ou intimidações em algum momento de nossa vida” (Silva, 2015, p. 159). As ameaças ao bem-estar apresentadas são: piadas e boatos maldosos, isolamentos, a não participação nas relações humanas, violência física ou empurrões, destruição ou a não posse de seus pertences, ameaça dos outros.

Em dados mais recentes, o PISA em 2018 aponta que “29% dos estudantes brasileiros relataram terem sofrido bullying” (2018). Sendo que a média da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é de 23%. Acrescenta que a escola tem um ambiente pouco receptivo e isso afeta o desempenho dos estudantes. Pois, 13% dos alunos dizem se sentirem tristes na escola. Segundo Camila de Moraes, analista de educação da ODCE, diz que “quem sofre bullying

tende a faltar mais à escola e, por isso, perdem mais conteúdo” (G1, 2019). Houve um aumento do bullying do PISA 2015 para o de 2018, melhor dizendo, a problemática da intimidação sistêmica permanece.

Acrescenta Santana (2013) que o bullying e o cyberbullying escolar é um episódio “sem fronteira geográfica ou socioeconômica que pode acontecer dentro ou fora do estabelecimento de ensino”, sendo que esta prática de violência pode durar toda uma vida, nas relações do trabalho ou da família.

Olweus (apud Lima, 2011, p. 63) certifica que há duas categorias para diferenciar o bullying: o direto, quando ocorre o ataque direto a vítima, e o indireto, quando verifica o isolamento e/ou exclusão social da vítima no seu grupo social. Relata que a prática direta é mais comum entre indivíduos de grupos do gênero masculino e o indireto mais praticado em grupos femininos.

A partir dos avanços tecnológicos e novas formas de interação humana, surgem “novas formas de bullying que utilizam de aparelhos e equipamentos de comunicação e que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências” (Silva, 2015, p. 23) chamada de cyberbullying.

Os personagens identificados nas agressões e nas violências escolares são: as vítimas (típicas, provocadoras, agressoras), os agressores (bullies), os espectadores (passivos, ativos, neutros) e o papel importante dos pais. No meio virtual há ainda as outras modalidades do cyberbullying, ou seja, sexting (mistura de sexo, nos envios de textos), assédio moral virtual (empregadores x funcionários), stalking (perseguidor de pessoas públicas, celebridades), cyberbaiting (contra os professores), etc.

Conforme a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2015) elaborada pelo IBGE, ainda há 20,1% de alunos praticando o bullying e cyberbullying nas escolas brasileiras, mesmo existindo a regra de proibição dessa prática na escola. Vale destacar que a pesquisa ressalta a necessidade de soluções para esta problemática de grande parte, pois ainda falta reflexão e discussão, além disso, percebe-se que carece de mais políticas públicas, planejamento do setor público brasileiro, a fim de atingir resultados satisfatórios em diferentes áreas dos governos (federal, estadual ou municipal) para que o tema não seja transformado em um transtorno de saúde pública nacional. Esses sinais mostram que é preciso empenho e interesse em coibir tais ações envolvendo o fenômeno bullying, pois podem resultar em prejuízos de saúde mental e seus comportamentos, sendo eles: autoestima baixa, ansiedade, depressão, isolamento social, fobias, agressividade, traumas psicológicos e suicídio (Matos et al., 2020).

Assim, a escola precisa transformar não só seus conteúdos, acompanhando as mudanças globais, como também precisa ficar atenta à sua gestão, sua organização e, sobretudo, a sua metodologia, transmitindo valores que guiam os alunos em seus futuros comportamentos sociais. A best-seller Michele Obama, dez milhões de cópias vendidas, com o livro “Minha história” (2018) relata que sofreu bullying no primeiro ano do ensino fundamental, um menino, amigo de classe, deu um soco em sua cara, “seu punho vindo fulminante e inesperado como um cometa” (Obama, 2018, p. 268). Percebe-se que após instrução, em vários outros momentos de sua vida, que “é importante falar contra os bullies sem descer ao nível deles [...] Quando eles descem, nós nos elevamos” (Obama, 2018, p. 420).

3.4 Gêneros discursivos

De acordo com os fundamentos teórico-metodológicos das DCE do Paraná sobre o ensino da língua materna, implica pensar na contemporaneidade e na “arena em que diversas vozes se confrontam, manifestando diferentes opiniões” (Paraná, 2008, p. 274).

Para Saviani (2007), a metodologia histórico-crítica pontua a educação como mediadora da “prática social, põe-se, portanto, como ponto de partida e ponto de chegada da prática educativa” (Saviani, 2007, p. 420). Em concordância, é possível

citar Gasparin e Petenucci (2008), que asseveram que a teoria de aprendizagem, sua concepção, seu método e a organização do trabalho do professor pode apontar para um ensino eficaz ou não.

No mundo atual, diante das situações de práticas sociais de linguagem, é possível encontrar um número infinito de gêneros discursivos, e com a mundialização da cultura e os avanços tecnológicos, surgem novos gêneros. Por meio desses textos com regras, estruturas essenciais e procedimentos próprios, que a escola desempenha um importante papel, utilizando-se da transposição didática desses gêneros, selecionando-os, dependendo da finalidade e dos objetivos de ensino, promovendo situações reais de aprendizagem, criando vivências significativas que permitam a apropriação do conhecimento, afinal é “nessa atmosfera heterogênea que o sujeito vai se constituindo discursivamente” (Paraná, 2008, p. 276).

Com relação à definição de gêneros, o filósofo Bakhtin denomina os gêneros discursivos em primários, os que se referem ao cotidiano, e secundários, encontrados nas esferas mais complexas de comunicação. Trabalhar os gêneros é entender que eles são vivos como a língua, em constante transformação, inclusão ou exclusão, conforme as necessidades das diferentes esferas de comunicação (Bakhtin, 2010). A relevância do estudo dos gêneros é crucial, tendo em vista, de acordo com Bakhtin (2010, p. 261-262), o “emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Machado (2005 apud Paraná, 2008, p. 277) elucida que os gêneros discursivos “são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos” (Machado, 2005, p. 157). Com o advindo dos avanços tecnológicos e, logo, a transformação tecnológica presente na sociedade e o aparecimento de gêneros digitais que desencadeiam a necessidade de sujeitos letrados, com articulação de várias linguagens e com domínio de linguagens em seus diversos contextos, inclusive no campo do gênero multimodal, manifesta-se o videoclipe.

3.4.1 Videoclipe: origem e caracterização

Ressalta Côrrea (2007, p. 13) que “o videoclipe é multifacetado, é espaço para: criar, revisar, referenciar e chocar. [...] Espelha o que acontece, fala do cotidiano mostra o contexto histórico que está inserido”. Ainda segundo o autor, a palavra videoclipe só começou a ser usada na década de 1980. Logo, com o “boom” da MTV nos Estados Unidos e o predomínio da imagem musical, os videoclipes invadiram a “era eletrônica” e foram consolidados.

O videoclipe, de acordo com Moran (1995) e Corrêa (2007), tem como caracterização a apresentação da multimodalidade ou múltiplas semioses dos textos contemporâneos e em virtude de ser instrumento de leitura de diversas linguagens (linguísticas, contextuais, imagéticas e digitais) como, também, oportunidade de criação de produção textual (vídeos) nas aulas de Língua Portuguesa.

Segundo Rojo (2012, p. 19) os diversos gêneros discursivos multimodais ou multissemióticos, textos contemporâneos que exigem multiletramentos, são os “compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Logo, o texto multimodal é aquele que envolve diferentes tipos e/ou mais de um modo de representação ao mesmo tempo: fala, imagem estática ou em movimento, escrita, som, tabelas, gráficos e outros.

Diante de tais proposições, é possível defender que a escola deve incluir o videoclipe e seu potencial como instrumento/ferramenta de letramento no campo didático, na busca de novas formas de ensinar, incorporando esses gêneros discursivos emergentes e de importância na esfera de expressão cultural e social.

Moran (1995, p. 28) afirma que “pelo vídeo sentimos, experimentamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos”. Em estudos posteriores o autor declara que a sua linguagem é “concreta, plástica, de cenas curtas, com pouca informação de cada vez, com ritmo acelerado e contrastado, multiplicando os pontos de vista, os cenários, os personagens, os sons, as imagens, os ângulos, os efeitos” (Moran, 2013, p. 55).

No artigo de Corrêa (2009), ela fez uma leitura panorâmica e os devires do videoclipe como escuta do presente. O trabalho percorreu desde conceito, circulação, visibilidade, até possibilidade de hibridação e mestiçagem com outros gêneros audiovisuais e os modos de se consumir música atualmente.

Corrêa (2007) traçou a história do audiovisual, videoclipe, com análise histórica e interpretativa como ciência da cultura. Fez uma revisão bibliográfica inferindo que é multifacetado e com tendências contemporâneas, como: experimentação de linguagens, hibridação e contaminação de distintos referenciais discursivos, estéticas diferentes com assuntos que retratam questões do cotidiano (conjuntura social na qual está inserido, reflete comportamentos, problemas sociais etc.), transformação da forma de consumo, de produção e nas condições de circulação.

Pontes (2003) começou explanando sobre a influência dos videoclipes em toda parte apregou sobre os elementos narrativos comuns entre eles, os recursos estilísticos e enumera algumas possibilidades visuais. Esclareceu que houve o surgimento de um novo *mainstream*, no qual a imagem se tornou tão importante quanto a música, algumas vezes até mais.

Dialogando com esses textos e outros pesquisados, tais como Corrêa (2009), Corrêa (2007), e Pontes (2003), observamos que muitos estudos que abordam videoclipes discutem o gênero, seus elementos essenciais, sua esfera de circulação e seus propósitos. E são essas as qualidades de constituição e funcionamento que Rojo (2012) aponta como importantes no funcionamento dos multiletramentos, como também, na produção de videoclipe: são interativos, colaborativos, rompe as relações estabelecidas de poder e propriedade, são híbridos (de linguagens, mídias, modos e culturas).

No mesmo raciocínio, com o advento da era tecnológica e por não encontrar a resposta para a questão em relação aos gêneros discursivos contemporâneos, Marcuschi (2004) adota o conceito de gênero emergente, para melhor entender esses tipos de discursos na tecnologia, e preconiza que eles estão baseados na escrita.

Não há como não dizer que somos influenciados com a linguagem do gênero audiovisual, videoclipe, que está em todos os lugares pela sua transitoriedade e viralização, posto que o mundo atual é o da modernidade, como apontado por Corrêa (2007), com as mais diversas ferramentas tecnológicas de informação e de comunicação.

Assim, retomam-se os estudos apresentados por Pierre Lévy, visto que o autor aborda que as implicações culturais da cibercultura, indicando que o melhor uso das tecnologias digitais é: “permitir que os seres humanos conjuguem suas imaginações e inteligências a serviço do desenvolvimento e da emancipação das pessoas” (Lévy, 1999, p. 208).

3.5 Exemplificação de algumas produções

O objetivo dessa seção é apresentar algumas produções, a título de exemplificação, uma vez que um dos produtos da SD foi a criação de videoclipes. Assim, se tornou possível aprimorar os letramentos digitais dos alunos, utilizando a tecnologia (aplicativos, editores de vídeos e internet), como ferramenta mediadora, aplicada ao ensino, propondo a criação de videoclipe sobre a temática. Cabe destacar que os vídeos foram selecionados de forma aleatória.

Como toda pesquisa deve ser contextualizada, é relevante reiterar que a temática bullying e a proposta do trabalho docente realizada dialoga com as leis e orientações pedagógicas nacionais e estaduais, por meio de práticas pedagógicas que desenvolvem competências tecnológicas e psicossociais mediante valorização dos alunos como sujeitos ativos com saberes e experiências sociais e capazes de transformar seu ambiente social.

A abordagem discursiva dialógica, nesta pesquisa, fundamenta-se nas teorias do filósofo Mikhail Bakhtin (1895 - 1975), que revolucionou a teoria da linguística no século 20, contribuindo na compreensão dos fundamentos dialógicos da linguagem, dando ênfase na leitura, oralidade e escrita, focando a estrutura, o contexto, o momento histórico, o temporal, o geográfico, a faixa etária e a interação social.

Na mesma linha, de acordo com as DCE (Paraná, 2008), o discurso é visto como prática social e tem como foco trabalhar os enunciados em que só existe discurso se há enunciados e o saber científico a partir da necessidade de se ensinar o

conhecimento, e modificá-lo de modo que fique mais didático, gerando assim uma transposição didática, tornando-se em objeto e conhecimento de ensino.

Para a produção de textos, foram utilizadas a capacidade de ação, capacidade discursiva e a capacidade linguístico-discursiva, além dos letramentos digitais. É possível sintetizar as proposições da seguinte maneira:

Bullying ↔ Diretrizes ↔ videoclipe ↔ produções ↔ sociedade

Voltando à análise dos vídeos, observa-se alguns dos produtos finais “Prática Social Final” que fizeram parte dos vídeos realizados pelos alunos, escolhemos contingentemente por uma questão de sintetizarmos os resultados, nos exemplos a seguir e, nas demais produções aqui não apresentadas, reconhecemos à riqueza estética nas narrativas e formas de comunicações atuais.

O videoclipe 1 mostra que os alunos têm consciência que o bullying pode acontecer na escola já que a personagem Emy se arruma para o seu primeiro dia de aula. Entende as formas de agressão do bullying pela fala da colega de escola “Oi, reparei que temos uma aberração no colégio”. Logo, a Emy cai no chão e escurece toda imagem dos olhos dizendo “Por que fez isso?”, demonstrando a dor e sofrimento de quem é agredido.

Nesse vídeo, a personagem agredida tenta amenizar a sua situação usando uma tapa-olho (posicionamento da personagem, expressões faciais) e solicita ajuda ao amigo Gu que responde “Vem, vamos resolver isso”. O amigo questiona a agressora e diz “Você tirou sarro da minha amiga? Ela tá se sentindo muito mal ...” apontando que o comportamento não foi de brincadeira e não é legal. A agressora pede desculpas para a colega “Emy, me desculpa, minha brincadeira passou dos limites e acabei te magoando.” Emy aceita as desculpas e solicita “Tudo bem. Mas, promete nunca mais fazer isso?”.

Notamos, ainda, o uso adequado das escolhas de balões, o uso da linguagem informal, característica do gênero e de interlocução no ambiente escolar com amigos, quando elegem alguns dos excertos “Gu”, “tá”, “Você”. Outros elementos indicadores da compreensão da narrativa, são os turnos de fala e a utilização correta dos sinais de pontuação, inclusive de perguntas, os três pontinhos [...] e vírgulas explicativas. Demonstra controle de coerência e coesão, e etapas da história: título, começo, meio, clímax e fim. Finalizam o vídeo com o personagem Gu se sentindo herói por resolver a situação, Cultura da Paz, e pensando “Mais uma vez, ele, Gustavo, salvando o dia ...”. Logo a última fala sugere que uma forma de ter felicidade e resolução de problemas é ter amigos. Finalizam com os créditos finais, assumindo o papel discursivo dos autores.

Figura 1 – Videoclipe 1.



Fonte: Autoria própria (2022).

Para melhor compreensão, observe outra produção:

Figura 2 – Videoclipe 2.



Fonte: Autoria própria (2022).

Já no videoclipe 2, logo de início, pelo título “Lutando pela paz”, o discurso motiva o texto e cria na postulação dialógica que devemos ter essa atitude, pois já estamos vivendo um período sócio-histórico-social de muita luta com a temática. Desde o início, as escolhas lexicais apontam que, no princípio, não é uma história feliz “lutando”, no título, e quando utiliza a palavra “triste” pela personagem Frida “Hoje vou relatar um triste episódio da vida de Alice”, demonstrando consciência e envolvimento como cidadãos.

A narrativa conta um bullying sofrido fora da escola, comprovando que os alunos conhecem que esse comportamento pode ir além dos muros escolares e isso é uma preocupação. Observamos, ainda, que os personagens entendem o diálogo e suas ações em “Eles aprenderam que não se deve praticar o bullying” e vão além “E que não se deve julgar pelas aparências” ou “antes de conhecer a pessoa” mostrando o comportamento afetivo, empatia, resolvendo o problema da temática.

Aqui, também os autores exploram o uso de imperativo “Se você sofre bullying peça ajuda a um adulto!” e “Não fique calado!”, com um sentido de ordem aliado à pontuação, exclamação, cria efeitos de sentido no texto, tom de ordem, remetendo à entonação e luta pela situação apresentada.

No que concerne ao videoclipe 3, houve uma harmonização entre a mixagem da música (som) com criação de imagens, misturando efeitos estéticos e remixes dos textos digitais, ou seja, exploração da estética do texto, multimodalidade, mostrando recursos criativos que tendem a chamar a atenção do leitor.

Logo, é plausível esperar que haja alguns erros ortográficos, mesmo sendo orientados anteriormente pelo professor, podendo um dos motivos ser a desatenção no momento de digitar, como ocorre no discurso “Olá! estranha”, o início de frase deveria estar com letra maiúscula e com pontuação ao final.

Um aspecto inquietante é que o grupo fez um dos personagens da história com uma arma na mão, apontando que o agressor do bullying traz medo, usa a força ou objetos para amedrontar, tenta se mostrar superior e pode promover danos psicológicos.

Dando prosseguimento, é possível observar outro videoclipe:

Figura 3 – Videoclipe 3.



Fonte: Autoria própria (2022).

Para finalizar a seção de discussão e análise das produções, e tendo a certeza que caminhamos corroborando com a sua ideia, mais uma vez, apontamos Harari (2018) com o livro “21 lições para o século 21”, ao qual apresenta o capítulo 19 intitulado “Educação – A mudança é a única constante” que diz que devemos preparar os alunos como cidadão ativos para do século XXII, e ao nosso ver para este século XXI também, em uma pedagogia que fomente “os quatro Cs – pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade” (Harari, 2018, p. 323).

4. Considerações Finais

Este trabalho foi motivado pelas inquietações desta pesquisadora sobre a temática bullying na escola, que consiste em necessidades reais de intervenções que não devem ser transformadas em utopias. Logo, defendeu-se a ideia e a importância de o tema ser introduzido em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

Assim, apresentou-se o resultado de uma pesquisa qualitativa, uma investigação via pesquisa-ação, descritiva e analítica que procurou validar com a realimentação da prática e da atuação no campo educacional.

Para atender sobre o estudo bibliográfico da temática, foi discutido o impacto da tecnologia na educação contemporânea, a relação da violência e o contexto escolar, e definimos o bullying. Os pressupostos teóricos revelaram que a

humanidade está cercada por meios tecnológicos no seu cotidiano, a tecnologia e o cidadão participam dessa nova sociedade da informação, assim a escola deve integrar o humano e o tecnológico, individual e grupal, e atender as exigências da sociedade moderna, abordando além de novas formas de pensar, de agir e de comunicar-se, contemplar questões contemporâneas de relações, como por exemplo, empatia, compaixão, resiliência, diversidade e cultura da paz.

Sobre a caracterização do gênero videoclipe, foi abordado o seu conceito, explanamos sobre os gêneros discursivos, incluindo o gênero midiático, e suas relações com os documentos normativos da Educação Básica. A criação e a aplicação das atividades nos permitiram atender aos objetivos que versou sobre aprimorar os letramentos digitais, incluindo a utilização de ferramentas mediadoras tecnológicas. Aqui vale destacar o uso do aplicativo WhatsApp como ferramenta facilitadora na relação dialógica entre aluno – aluno, professor – aluno, isto é, uma ferramenta cooperativa, dinâmica e colaborativa no processo de ensino e de aprendizagem.

Toda a pesquisa foi fruto da reflexão e experiência profissional associada à teoria. Em relação à teoria, a pesquisa mostra a importância da força, da qualidade, da formação/capacitação do professor-pesquisador, pois promove plenamente diálogos com a escola pública, ou seja, integração e parceria entre a universidade (educação superior) e a escola pública (a Educação Básica).

Diante disso, a prática, ancorada nas orientações das DCE (Paraná, 2008), apontou uma metodologia ativa, preocupada em significar a escola como direito do aluno e lugar de socialização do conhecimento, acesso ao mundo letrado e do conhecimento digital, científico, político, cultural contribuindo para que o aluno entenda a estrutura da nossa sociedade contemporânea de forma crítica e ética para um bom funcionamento das relações humanas e interpessoais.

Outro ponto reflexivo é que o trabalho foi baseado nas fundamentações educacionais da BNCC (BRASIL, 2018) preocupados em ensinar habilidades e competências para uma boa formação humana integral, democrática, inclusiva e com mais equidade. As normas vigentes da Educação suscitaram, ao docente, dinamicidade, variedades nas aulas e o uso das tecnologias no ensino, visto que promoveram inclusão digital e acesso. Investimos no processo de formação do aluno nos níveis de leitura e análise linguística, produção textual multimodal e, ainda, de desenvolvimento da consciência, mudança de atitude e de mentalidade, enquanto cidadão, especificamente no que tange à prevenção, conscientização e combate ao bullying e suas demais formas.

As produções finais, videoclipes, demonstraram a importância e o valor da paz, da tolerância, do respeito à vida, em suas diversas esferas de manifestações, como também consciência e valorização dos direitos humanos, buscando a promoção de mudanças de atitude comportamental, ética e de responsabilidade social. Logo, manifestamos, nessa etapa da pesquisa, a socialização e a valorização autoral das produções dos alunos, contribuindo para um ambiente saudável do grupo.

Acredita-se que somos agentes de mudança social, ou seja, professores com uma abordagem crítico-reflexiva, visto que a metodologia foi rica de saberes significativos aos alunos, mostrando que os objetivos da atividade foram cumpridos, pois mobilizamos os alunos em torno da discussão de um tema social, trabalhamos com textos autênticos, reais, concretos e com diferentes linguagens como ponto de diálogo, fomentamos a compreensão e valorização das diferenças.

Reconhecemos que a temática pesquisada ainda possa precisar de novas pesquisas científicas, esperamos que nosso texto sirva de inspiração às novas investigações científicas, considerando que existem seis diferentes formas da prática do bullying, sendo eles: o verbal, o físico e material, o psicológico, o moral, o sexual e o cyberbullying.

Agradecimentos

FUNADESP - Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular.

PROSUP / CAPES - Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares.

Referências

- Aquino, J. G. (1996). *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. (16a ed.), Summus.
- Bakhtin, M. M. (2010). *Estética da criação verbal*. (5a ed.), WMF Martins Fontes.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dent-zien. Zahar.
- Brasil. (2018). *Lei nº 13.663*, de 14 de maio de 2018. Inclui a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13663-14-maio-2018-786678-publicacaooriginal-155555-pl.html>.
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf.
- Carqueira Francisco, W. (2019). *Problemas sociais nas cidades do Brasil*. <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/problemas-sociais-nas-cidades-brasil.html>.
- Côrrea, L. J. A. (2007). Breve história do videoclipe. <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2007/resumos/R0058-1.pdf>.
- Côrrea, L. J. A. (2009). *Uma escuta do presente: videoclipe e convergências tecnológicas*. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1665-1.pdf>.
- Gasparin, J. L., & Penetucci, M. C. (2008). *Pedagogia histórico-crítica: da teoria à prática no contexto escolar*. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>.
- Harari, Y. N. (2018). *21 lições para o século 21*. Tradução Paulo Geiger. Companhia de Letras.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). *Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015*. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>.
- Kahlmeyer-Mertens, R. S. et.al. (2014). *Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método*. FGV.
- Kenski, V. M. (2015). *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. (8a ed.), Papirus.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. (1999). Tradução de Carlos Irineu da Costa, (6a ed.), 34.
- Lima, A. M. A. (2011). *Cyberbullying e outros riscos da Internet: despertando a atenção de pais e professores*. Wak.
- Machado, I. (2005). *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. Contexto.
- Marcuschi, L. A. (2004). *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. Parábola.
- Matos, V. J. A., Silva, J. P., Santos, K. D. A., Guimarães, V. M. A. (2020) *Autoestima e bullying: uma revisão integrativa*. *Educar Mais*, 4(3), 577-590. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.4.2020.1904>.
- Mercado, L. P. L. (2002). *Novas Tecnologias na Educação: reflexões sobre a prática*. Edufal.
- Moran, J. M. (1995). *Novas tecnologias e o reencantamento do mundo*. *Revista Tecnologia Educacional*. 23(126), 24-26. <http://www.eca.usp/prof/moran/site/tecnologiaseducacao/novtec.pdf>.
- Obama, M. (2018). *1964-Minha história*. Tradução Débora Landsberg, Denise Bottmann, Renato Marques. Objetiva.
- Paraná. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação Básica. (2008). *Diretrizes Curriculares Da Educação Básica Língua Portuguesa*. Curitiba: SEED – PR. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf.
- Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. (2008). Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. *Enfrentamento à Violência / Secretaria de Estado da Educação*. Curitiba: SEED – PR.
- Pedro-Silva, N. (2014). *Ética, indisciplina & violência nas escolas*. (7a ed.), Vozes.
- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. (2016). *Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros / OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico*. — São Paulo: Fundação Santillana. http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf.
- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes 2018. (2018). *PISA 2018*. http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf.
- Pontes, P. (2003). *Linguagem dos vídeos e as questões do indivíduo na pós-modernidade*. *Sessões do Imaginário*. 10 (1), 47-51.
- Rojó, R. H. R. (2012). *Multiletramentos na escola*. Parábola.
- Santana, E. T. (2013). *Bullying e cyberbullying: agressões dentro e fora das escolas: teoria e prática que educadores e pais devem conhecer*, Paulus.
- Saviani, D. (2007). *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. (4a ed.), Cortez.

Schaff, A. (1995). *A Sociedade Informática: as consequências sociais na segunda revolução industrial*. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. (4a ed.), Brasiliense.

Silva, A. B. B. (2015). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. (2a ed.), Globo.

Silva, J. (2010). *Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo*. UNESP: Cultura Acadêmica.

Valente, J. A. (1996). *Informática na educação: conformar ou transformar a escola*. Ed. Perspectiva. UFSC/CED, NUP, 24(1), 41-49.